

CASA

Nº 434
NOVEMBRO 2021
R\$ 30,00

VOGUE
BRASIL

ESTA EDIÇÃO É CARBON NEUTRAL



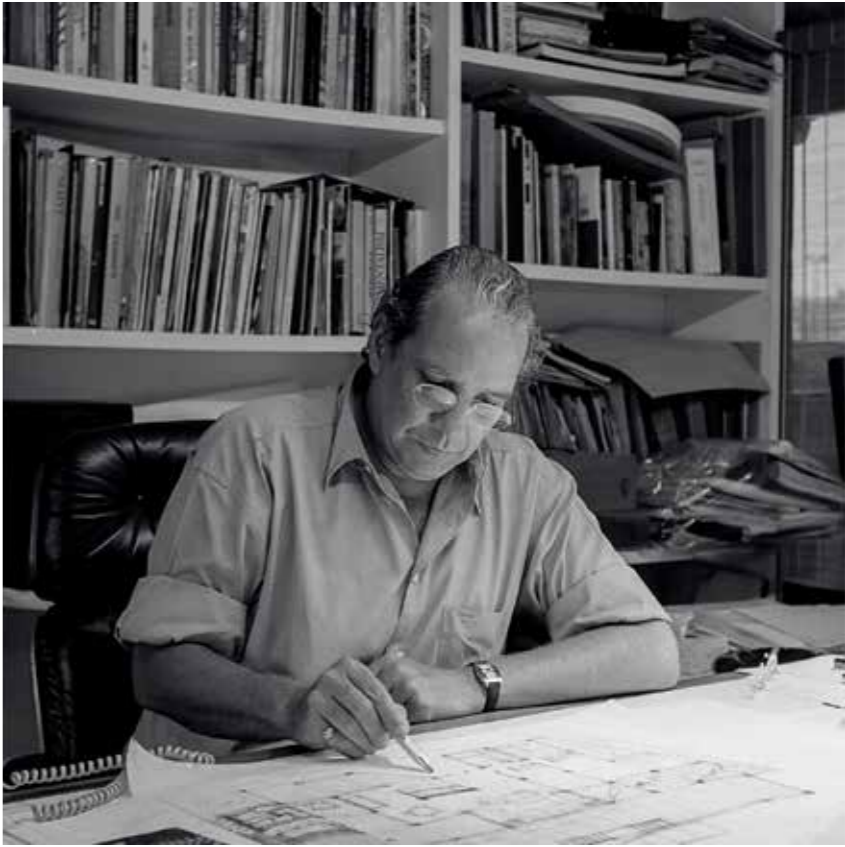
VERÃO DE VERDADE

A ESTAÇÃO MAIS AGUARDADA DOS ÚLTIMOS TEMPOS SE APROXIMA E, COM ELA,
CASAS IRRESISTÍVEIS, DO MÉXICO À BAHIA, DA ITÁLIA A SÃO PAULO



Com estrutura de aço, caixilhos de madeira e forro de palha, a Casa da Asa (1999) fica em um condomínio de Paraty, RJ – para respeitar as normas de ocupação e contemplar os ambientes desejados pelos clientes, a planta acompanha os limites do terreno, o que levou à cobertura com formato de asa-delta (este projeto, como todos os demais aqui apresentados, foi realizado durante os anos de parceria com Paulo Jacobsen). Na pág. seguinte, Claudio Bernardes em seu escritório no Rio de Janeiro, em 1998

AQUELE ABRAÇO



HÁ 20 ANOS MORRIA **CLAUDIO BERNARDES**, CARIOCA QUE FEZ DA ARQUITETURA – ESPECIALMENTE NO LITORAL FLUMINENSE – UM INSTRUMENTO PARA **ACOLHER AS PESSOAS**, DESPERTAR SENSações E VALORIZAR **MATERIAIS NATURAIS**

TEXTO CRISTIANE TEIXEIRA RETRATO TUCA REINÉS

Ele abandonou a Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, antes de concluir a graduação, irritado com um dos professores. Falava que um dia retornaria aos bancos escolares, o que nunca aconteceu, quer porque o diploma não lhe fez falta, quer porque o tempo, este sim, era escasso. Para quem tinha a sensibilidade altamente aguçada e havia crescido dentro do escritório do pai, Sergio Bernardes, um gigante da arquitetura brasileira, as lições que tornariam Claudio Bernardes (1949-2001) um dos favoritos da clientela carioca não dependiam da sala de aula.

Tanto assim que, depois de experimentar a pintura no início da adolescência, ele traçou suas primeiras perspectivas antes de ingressar na faculdade. Começou aos 17 anos e parou abruptamente aos 52, vitimado por um acidente no Mato Grosso do Sul. Viajava a trabalho num carro com Paulo Jacobsen, seu companheiro de ofício por mais de duas décadas, que sobreviveu. Após se conhecerem no escritório de Sergio, Claudio o chamou para sua equipe. E em pouco tempo a relação se tornou de cumplicidade e sociedade. Era Jacobsen quem assinava os projetos, mesmo que esses estivessem tão identificados com o sócio e seu jeito de ser.

“Percebi nele um refinamento que transcendia os aspectos sociais e políticos que sempre me atavam a modelos. Esse ‘desligamento’ das normas vigentes e do óbvio é o que melhor define o Claudio e, com isso, o seu trabalho, a sua vida e principalmente a sua força”, escreveu o parceiro na apresentação do livro *Arquitetura Claudio Bernardes* (DBA, 202 págs.), lançado em 1999 e hoje esgotado (quando esta reportagem foi apurada, Paulo Jacobsen não estava acessível para entrevista). Nas palavras da caçula, Antonia, o pai era generoso, livre e intenso; e solar, na definição de Thiago, filho do meio e também arquiteto.

ESPAÇOS QUE ACOLHEM

“Papai oferecia um abraço maravilhoso, e eu acho que as casas dele traziam isso, elas abraçavam a gente. Porque tinham um aspecto de dentro para fora, de entradas de luz, de vistas, de dar espaço para as pessoas sentirem coisas diferentes”, reflete a filha. “A arquitetura dele era muito humana. Ele costumava dizer que não a fazia para ser premiada, mas para proporcionar o bem viver”, afirma Thiago. Talvez por isso ele frise que aprendeu com o pai mais sobre relações humanas do que sobre a profissão – deixando transparecer na

expressão facial que nesses ensinamentos estão fincados seus próprios alicerces. De maneira coerente, valores que governavam o indivíduo Claudio, como compartilhar o que possuía e tratar todos como iguais, guiaram sua obra, segundo os filhos. E manifestavam-se em suas criações sob a forma de ambientes abertos e integrados, prontos para receber quem aparecesse – como tantas vezes aconteceu nas residências da família e, em especial, no refúgio na Ilha das Palmeiras, em Angra dos Reis, RJ.

A morada, de 1987, medindo 300 m², foi concebida como um grande térreo avarandado ocupado por cozinha, duas salas de estar e uma de jantar. Nesse salão desimpedido, encimado por um par de mezaninos para duas suítes, a ventilação e a iluminação eram naturais, inclusive porque só muito tempo depois um gerador seria instalado no local. Um telhado alto e com beirais largos protegia das chuvas e dos ventos. “Era um lugar aberto em todos os sentidos. Marcado pela intimidade com a natureza, e que incitava conversas incríveis à luz de lampiões e velas”, lembra Antonia. O irmão completa: “Foi um dos templos – porque essa é a palavra certa – onde crescemos cercados de amigos e convivendo numa família muito amorosa”. O núcleo principal conta ainda com Olívia, a primogênita, e Bebel, mãe do trio, viúva do arquiteto.

NA PRAIA E NA CIDADE

Mesmo hoje, quando o endereço não pertence mais aos Bernardes, tão relevante quanto a memória afetiva que desperta são suas características arquitetônicas e construtivas, um extrato das ideias do autor, apaixonado por materiais naturais, arte e artesanato. Sobre o embasamento de pedras brutas, ergue-se a estrutura de toras de eucalipto, as quais chegaram ao terreno flutuando sobre as ondas, puxadas por uma embarcação. Grafismos pintados e amarrações com cipó e palha, usadas no encontro de pilares e vigas, remetem à nossa ancestralidade indígena. As poucas paredes dividem-se entre alvenarias (tingidas de vermelho-alaranjado e azul vivo) e divisórias de tronquinhos ou de venezianas. A cobertura leva sapé, camuflando-se na mata que envolve o abrigo. “Meu pai desenvolveu sua pesquisa de materiais naturais e os utilizou de uma forma absolutamente moderna e sofisticada. O estilo dele estava em dar valor ao que mais ninguém dava, e mostrar toda a riqueza existente ali”, avalia Thiago.

Fotos: Leonardo Finotti/divulgação (Casa da Asa, Casa das Venezianas e Casa do Claudio), Ruy Teixeira/divulgação (Casa da Tenda) e Tuca Rehnés/divulgação (Casa na Bahia)



CLAUDIO BERNARDES FICOU CONHECIDO, DE INÍCIO, PELAS **CASAS NO LITORAL SUL DO RIO DE JANEIRO**. PASSADOS OS ANOS, SUA ARQUITETURA CHEGOU AO INTERIOR E A OUTROS ESTADOS, MAS **OS PROJETOS NA PRAIA FORAM A MAIORIA**



À esq., a Casa na Bahia (2003) flutua na paisagem de Itacaré, desfrutando de vista ampla, graças à implantação 80 metros acima do nível do mar e à obra de madeira suspensa sobre o terreno; e, acima, o vento é bem-vindo a percorrer a área social e de lazer da Casa das Venezianas (2001), projeto que lembra uma vila caiçara, fragmentado em vários módulos à beira do Saco do Mamanguá, em Paraty, RJ



À dir., o arquiteto fez uso de uma lona impermeável tensionada para cobrir a Casa da Tenda (2001), propiciando aos interiores luminosidade inigualável, fortalecida pelos vidros no fechamento da estrutura metálica – trata-se de seu último projeto para a família, e ele não chegou a vê-lo finalizado; e, acima, interior da Casa do Claudio (1987), refúgio de férias dos Bernardes, construído com pedra, madeira e outros materiais naturais em Angra dos Reis, RJ



ADEPTO DE **ESTRUTURAS MODULARES**, O ARQUITETO ENCONTROU NO AÇO E NA MADEIRA SUAS MATÉRIAS-PRIMAS FAVORITAS. MUITAS VEZES, JUNTOU AS DUAS PARA OBTER **FUNCIONALIDADE E BELEZA**

Mas Claudio não se apegava somente a uma matéria-prima. O aço também figura em boa parte de seu portfólio, principalmente em território urbano. Quem fala a respeito é Andrés Gálvez, arquiteto chileno que se fixou no Brasil em 1988 e trabalhou com o brasileiro. “A grande demanda que Claudio e Cecedo [*apelido de Paulo Jacobsen*] registraram nos primeiros momentos foi por casas de veraneio em Angra [*só no arquipélago, foram mais de 150*]. Quando eles passaram a receber convites para construir na cidade, não fazia mais sentido priorizar materiais tão táteis.” O aço apresentou-se como substituto lógico – e ainda a dupla ideal – da madeira, porque ambos contemplam a leveza formal requerida pelo traço de Claudio, na explicação de Gálvez. “Não se pode entender a linguagem dele sem compreender o seu conceito estrutural.” E prossegue: “Havia uma gramática clara e uma simbiose direta entre estrutura e arquitetura”. O pensamento modular é o mesmo herdado de Sergio e transmitido a Thiago.

Gálvez integrou a equipe de Claudio durante os últimos oito anos de vida do mestre. Na segunda metade da década de 1990, encarregou-se de montar e coordenar a filial da capital paulista, quando ainda era raro um escritório brasileiro de arquitetura apostar em um braço em outro estado. “O Rio enfrentava muitas dificuldades e vários clientes migraram para São Paulo. A segunda sede aqui servia para manter o vínculo com eles. Aquilo foi uma aventura do Claudio, algo que poderia dar errado”, comenta o chileno. Deu tão certo que não só desbravou o caminho para a concorrência como em poucos anos sua produção superou a da matriz. Paralelamente, Claudio se tornou mais conhecido dos paulistanos, que começaram a lhe encomendar suas residências na metrópole. Segundo Gálvez, os refúgios de lazer desse novo público, no litoral e no interior, vieram depois, num roteiro inverso ao que ocorreu no Rio de Janeiro.

BRINDAR E CRIAR

Toda terça-feira, Claudio pegava a ponte aérea rumo à Pauliceia e, na quinta, tomava o sentido contrário. Ciente do gosto de Gálvez por vodca, carregava na bagagem uma garrafa da bebida e outra de uísque. Assim que o relógio dava 17h e o telefone parava de tocar na sala onde inicialmente só existiam o aparelho e uma prancheta, ambos se punham a conversar, beber e criar. “Ele me perguntava: ‘Andresito, que projeto temos de fazer hoje?’ Enquanto eu explicava o programa e as características do local, ele desenhava no papel milimetrado. Quando parava, as plantas e elevações estavam prontas. E então ficávamos falando sobre outras coisas até umas 21h”, lembra, com saudade da época em que as relações, de trabalho e de amizade, eram bem menos virtuais. “O Claudio tinha uma capacidade de concentração como nunca vi. Foi meu mentor. Tudo o que sei veio dele.”

Encarar desafios e experimentações era típico de sua personalidade ousada. Isso valia para soluções arquitetônicas e atitudes. Certa feita, um cliente insistiu na necessidade de um filme em 3D para melhor visualizar uma proposta, e Claudio, afeito a tecnologia e novidades, não se intimidou. “Imagine que isso aconteceu antes de toda a evolução técnica dos últimos anos. O vídeo, de 30 segundos, demorou duas semanas para ser editado. E ficou horrível! Não dava para entender nada”, diverte-se o chileno. Por tudo o que testemunhou ao lado do amigo e das experiências que vieram depois – primeiro atuando com Thiago e Cecedo quando esses se associaram e agora à frente do próprio escritório, o Gálvez & Márton –, ele se adianta à pergunta e afiança: “Com os recursos digitais de hoje, se o Claudio estivesse vivo, seu salto profissional teria sido impressionante”. Thiago pensa da mesma forma, e, nessa linha, conta o que disse ao pai em uma de suas últimas conversas mais profundas, os dois sozinhos na morada de Angra: “Tenho a sensação de que a sua arquitetura está só começando”. ●